

Porto — Egreja dos clerigos e calçada do mesmo nome

Este templo, que dá celebridade ao Porto pela sua elevadissima e grandiosa torre, teve principio em 1732 no alto de uma calçada n'esse tempo chamada da *Natividade*. Foi fundado por uma irmandade de clerigos, em que entravam alguns seculares das principaes familias da cidade. O risco e execução dos trabalhos foram dirigidos por Nicolau Nasoni, architecto italiano.

Concluiram-se as obras em 1763 sendo tão demoradas, tanto pela grandeza da fabrica, como pelas avultadas sommas que annualmente consumiam. Verificou-se a sagração do templo no dia 12 de dezembro de 1779, sendo celebrante o bispo do Porto D. Fr. João Raphael de Mendoça, filho do quarto conde de Val de Reis. Foi dedicada a egreja a Nossa Senhora

da Assumpção; mas como o povo começasse a denominal-a, durante a sua construcção, *egreja dos Clerigos*, ficou-lhe este nome popular, pelo qual ainda hoje é designada e geralmente conhecida. Da egreja passou tambem este nome para a calçada.

Por todos os lados se acha desaffrontado este edificio religioso. O fronstispicio olha para léste, e ergue-se no topo da calçada dos Clerigos. As fachadas lateraes estendem-se por duas ruas; e a frente opposta á principal, que é formada desde os alicerces pelo edificio da torre, deita para um largo.

Como bem se póde julgar á vista da nossa gravura, o frontispicio é mais rico do que bello. Quando os ornamentos são de bom gosto, e se acham convenientemente distribuidos, se não supprem, nem escondem a falta de boas proporções no todo do edificio, conseguem ás vezes disfarçar este defeito, distrahindo d'elle os olhos do observador. Porém no presente caso não succede assim, porque o defeito referido é aggravado pela accumulação dos ornatos, em geral pouco graciosos, e ainda por cima grosseiros, pois que o granito não admitte delicadezas de cinzel.

Entre os dois nichos com estatuas, que se vêem no corpo superior do frontispicio, está a tiara pontificia sobre uma almofada, e no vertice do frontão a cruz de tres braços ornada com folhagem de palmas. É uma duplicada homenagem ao principe dos apostolos como patrono dos clerigos seculares, fundadores do templo, e aos papas que concederam a esta egreja differentes graças e privilegios.

O interior do templo ostenta riqueza em obra de talha doirada, e na tribuna da capella-mór, que é de marmore, e no alto da qual avulta a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Assumpção. Dizem que importára esta tribuna em mais de vinte contos de réis. Na capella-mór está depositado o corpo de Santo Innocencio, martyr. Decoram a mesma capella dois orgãos de excellentes vozes.

Pelas fachadas lateraes, junto ao envasamento, corre um passeio lageado, guarnecido de balaustrada, e mais elevado que o pavimento das ruas. Na porta travéssa, que se abre na fachada do lado do norte, está gravada uma inscripção latina, que declara a padroeira a quem a egreja é consagrada, e quem foram os fundadores d'esta.

Contiguo ao templo, e comprehendido no mesmo edificio, acha-se um hospital para clerigos pobres com muito boas accommodações, e perfeitamente servido.

A torre, com os seus setenta e cinco metros de altura, levanta-se garbosamente, sobresaíndo a todos os edificios da cidade, e servindo de balisa aos navios que demandam a barra do Douro, pois que se avista a dez legoas de distancia da costa. Tambem pela mesma razão offerece aos viajantes que subirem os 240 degraus da sua escada interior um panorama admiravel da cidade, dos seus formosos arrabaldes, de longinquas cordilheiras de serras, do rio, e do Oceano. Como obra de arte deixa muito a desejar; e só é notavel pelo arrojo do pensamento que a elevou a tamanha altura. Não foi parco o architecto nos ornamentos, mas não lhe assistiu bom gosto na escolha d'elles, como lhe aconteceu com a frente principal da egreja.[1]

A confraria dos clerigos provê largamente a todas as despezas do culto divino e do hospital. As suas funcções religiosas são nomeadas pela magnificencia e boa ordem que n'ellas reinam, para o que muito concorrem a abundancia e riqueza dos paramentos e alfaias que o templo possue. Esta irmandade tem contado no seu gremio muitos prelados e outras pessoas illustres. Entre aquelles figura o primeiro cardeal patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida.

[1] Vid. a gravura d'esta torre, e as noticias que a acompanham, a pag. 177 do vol. III.

A calçada dos Clerigos desce com bastante declive desde a frontaria do templo até á praça de D. Pedro. Prestando-se, pela sua muita largura, a ser guarnecida de arvoredo, mandou a camara municipal modernamente plantar dois renques de arvores, um de cada lado, junto aos passeios. Quando o sr. Seabra tirou a photographia, de que é cópia a nossa gravura, ainda não existiam alli as arvores, e era a rua macadamisada. Actualmente está calçada com pedras cubicas, todas de eguaes dimensões.

É a calçada dos Clerigos um dos sitios mais concorridos do Porto. Deve esta vantagem a diversas circunstancias, taes como: a sua visinhança, de uma parte, do principal mercado publico, e da outra, da praça de D. Pedro, e de outras ruas onde o movimento commercial é mais activo; as lojas de variados objectos que a guarnecem; e a ser a mais bella communicação da cidade baixa para a alta.

O *mercado do Anjo*, assim chamado por ter sido edificado no logar d'antes occupado pelo recolhimento d'aquella denominação, fica ao norte da egreja dos Clerigos, apenas separado d'ella por uma rua. As lojas referidas encerram, no maior numero, fazendas de seda, lã, linho e algodão, e muita diversidade de objectos de moda, porcelanas, cristaes, bronzes, etc. Nenhuma se faz notar pela elegancia da armação, nem pela bonita disposição dos productos; mas algumas são notaveis pela muita cópia, e mesmo pela riqueza d'estes ultimos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 130)

VII

«Uma vez (sempre me hei de lembrar d'este dia nefasto) Eduardo, estando a fazer umas contas, tirou-me da algibeira e poz-me em cima da secretária. Depois, a pouco e pouco, foi amontoando os papeis em cima de mim, de fórma que eu já parecia um pobre Encéladosinho de seda, debaixo de um Etna de papelada.

«Quando acabou o que tinha que fazer, Eduardo levantou-se, e, como estivesse tocando a sineta para o jantar, foi para a mesa e não se lembrou mais da pobre bolsa.

«Por infelicidade, na vespera, tinham os donos da casa recebido a visita de uma joven viuva, muito galante, muito *coquette*, e que parecia desejar jungir ao seu carro de triumpho o marido de Camilla, sobre quem não se cansava de experimentar o effeito dos seus olhares cheios de fogo e de estrategia. Eduardo, como podem imaginar, nem reparára em similhante coisa; porém sua esposa, com a perspicacia de mulher, adivinhára tudo, e sentíra o ciume, não digo bem, o despeito apoderar-se d'ella. Não sei a que proposito, Eduardo fôra-me buscar, e a joven viuva mostrou desejo de me ver. Eduardo entregou-me cortezmente nas mãos da baroneza (a viuva era baroneza) e os seus dedos involuntariamente encontraram os dedos da gentil *coquette*. Um raio de indignação fusilou nos olhos de Camilla, a baroneza sorriu-se, Eduardo ficou impassivel, e eu previ uma proxima tempestade.

«Por isso, e apesar da mão da baroneza ser tão delicada e macia como a da minha creadora, apesar dos elogios que ella me prodigalisou, eu não fiquei satisfeita senão quando me vi livre da sua analyse.

«Mas d'esta vez foi a mão de Camilla quem me recebeu. Rapidos como o relampago, os dedos elegantes, que me tinham lançado ao mundo, adivinharam, antes d'ella a executar, a tenção que a baroneza formára de me entregar a meu dono, e apressaram-se em preceder a mão solícita de Eduardo.

«Devo confessar que, desde essa visita fatal, o bom humor de Camilla alterára-se sensivelmente, alteração cujas consequencias Eduardo soffria, com grande pasmo seu. Não podia comprehender o azedume que sentia em todas as palavras de Camilla, e, muitas vezes, espreitando pelo buraco da fechadura da minha gaveta, o vi de pernas cruzadas, e em attitude meditativa, perguntando a si mesmo quaes seriam os diabos azues que atormentavam sua esposa, e a elle por conseguinte.

«Depois de jantar, os dois esposos vieram tomar café para o sitio onde eu estava; a conversa que se travára entre elles affrouxava a cada instante, porque os esforços que Eduardo fazia para a sustentar eram completamente infructiferos, por causa da sequidão das respostas de Camilla.

«Acabaram de tomar o café, e Camilla foi-se encostar á janella.

—«Está uma tarde tão bonita! — disse Eduardo, não queres aproveitar este lindo dia de inverno para ires ver os campos, que estão experimentando já os mantos verdejantes com que hão de comparecer na festa annual da primavera?

—«Está estragando commigo a sua poesia, respondeu Camilla séccamente, guarde-a para as pessoas que quizer deslumbrar. Isso era bom quando me fazia a corte.

—«E não sou eu sempre o mesmo, Camilla; deixaste tu um instante só de ser a noiva gentil que eu adorei, que adoro, e que sempre hei de adorar? Não sou eu sempre o namorado solicito dos primeiros tempos? Isso, a que se deu, por convenção, o triste nome de prosa do casamento, teve nunca entrada nos nossos corações?

—«Ah! Ah! que differença! O que me dizia então: «Oh! nunca me hei de separar de ti! Hei de estar sempre ao teu lado! Que valor tem o mundo inteiro junto do teu olhar?» E agora sae quando lhe parece, anda por fóra o tempo que quer, demora-se a conversar com os amigos; porque sua mulher, essa não serve senão para estar n'um canto da casa, á espera que o *senhor* lhe faça a esmola da sua presença. Não é porque eu me importe com isso! Eu sim! É-me completamente indifferente! Nunca estou melhor do que quando está longe de mim! Olhe, d'isso póde estar certo! Se fallei, foi porque me enraiveceu a sua hypocrisia.

—«Quanto és injusta, Camilla! Pois eu não desdenho tudo, tudo n'este mundo para estar junto de ti; não prefiro a todos os vãos divertimentos, a todos os prazeres a nossa deliciosa intimidade? E, quando os meus negocios me chamam fóra de casa, não me afasto de ti tão penalisado, e não aproveito a primeira occasião de me desembaraçar d'elles para correr alegre, satisfeito, risonho, a abraçar-te, a beijar-te, a testimunhar-te o immenso e inalteravel affecto que te consagro?

—«Negocios! que grandes negocios que tem! Quaes são elles? Talvez ir visitar a baroneza!

«Eduardo levantou-se, olhou fixamente para sua mulher, e disse:

—«A baroneza! A baroneza, por quê?

—«Foi a primeira pessoa que me lembrou, tornou Camilla fazendo-se ligeiramente córada.

—«Nada! Isso é um tanto inverosimil.

—«Inverosimil, por quê? — tornou Camilla irritando-se e fazendo-se vermelha de despeito. Talvez imagine que eu tenho ciumes do senhor. Que vaidade tão louca! que presumpção! que fatuidade! Ora esta! como logo suppoz que eu era ciumenta!

—«Mas, filha...

—«Ciumenta, e de quem? Ah! Ah! Ah! é de um ridiculo incrivel! Não querem ver o formoso Richelieu, que anda semeando paixões por toda a parte! E julga talvez que eu me importo com similhante coisa! Namore á sua vontade! Faça o que quizer! Esteja certo que nunca me ha de dar cuidado! Convença-se... entendeu? Convença-se bem de que nunca tive ciumes do senhor, porque eu nunca o amei! Foi uma predilecção passageira! Foi um capricho de que me arrependo!

—«Parece-me comtudo, tornou Eduardo ferido no seu amor proprio, que a união eterna de duas pessoas não é coisa tão ligeira que se possa decidir levianamente, e, se não sentias por mim o amor immenso que eu te consagrava, mais valia que me despedaçasses o coração, do que me dirigisses agora essas palavras amargas.

—«Então chegou o momento! Sempre fica sabendo que se enganou, quando suppoz que eu tinha ciumes da baroneza.

—«Mas foi coisa em que não fallei, filha, bradou Eduardo um pouco impacientado.

—«Bem o deu a entender! Não o disse, mas pensou-o. E então escolheu bem a pessoa que me poderia tornar zelosa! A baroneza, uma tola presumida, uma *coquette* insupportavel, que não tem nem belleza, nem espirito, nem graça, nem elegancia, mas que possue em compensação uma vaidade immensa.

—«Pobre baroneza!

—«Defenda-a, ande! então por que a não defende? É o que lhe falta unicamente! Ouse tomar, diante de sua esposa, o partido de uma mulher como é a baroneza.

—«Ih! Jesus! Camilla! Eu não tomo a defesa de pessoa alguma. Mas tu fallas da pobre senhora, como se lhe tivesses um odio mortal.

—«E tenho, bradou Camilla erguendo-se com os dentes cerrados e os olhos fusilantes, tenho odio a essas mulheres de maneiras affectadas, de olhares languidos, de vistas fascinadoras, deslumbrantes na apparencia, grosseiras na realidade, a quem os homens seguem tolamente, como as borboletas seguem a luz, ainda que essa luz emane de uma candeia afumada. Quando ella hontem quiz ver a bolsa que eu fizera, tive tentações de a rasgar, para lhe poupar uma profanação. E a proposito, onde a tens tu?

«Eduardo, ao ouvir esta pergunta, que parecia dever servir de transição para uma conversação mais serena, começou-me a procurar alegremente por todas as algibeiras. O acaso fôra-me collocar muito mirrada na extremidade da secretária. No remexer dos papeis eu tinha quasi caído ao chão; felizmente ou infelizmente, um resalto da secretária tinha-me retido, e eu alli ficára suspensa por uma das borlas, estando esta de mais a mais completamente occulta por um fragmento microscopico de papel. Da posição em que eu estava, podia ver e ouvir tudo, sem que ninguem me podesse divisar.

«Quando Eduardo começou a revolver as algibeiras não pude deixar de me rir. Era tão comico o espanto d'elle, quando, depois de ter esquadrinhado minuciosamente todos os cantos do seu fato, não encontrava coisa alguma, que eu, ignorando ainda quaes seriam as consequencias d'aquella scena, ri-me á fartar.

«Camilla contemplava-o com um sorriso ironico, e batendo o compasso com o pé no sobrado da sala.

—«Talvez lhe esquecesse lá por fóra! — disse ella accentuando muito as palavras.

—«É impossivel; lembro-me perfeitamente de a ter n'esta algibeira. Já depois de estar em casa eu a vi, e até lhe peguei.

—«Talvez a tivesse confiado a alguem! — tornou Camilla com o mesmo sorriso estereotypado nos labios.

—«A quem? — perguntou Eduardo com a maior ingenuidade.

—«Eu sei! A alguem que a visse, que gostasse d'ella, e que a desejasse conservar por algum tempo.

—«Ora essa! Não pódes suppôr que eu fizesse tal!

—«E por que não? Os homens julgam que tudo lhes é permittido.

«Mas Eduardo não a ouvia. Tinha-se recordado das contas que fizera, e tinha corrido a revolver os papeis que estavam em cima da secretária. Eu, que via a má figura que o negocio ia tomando, não desgostei de que elle tomasse aquella resolução.

«Comtudo, debalde Eduardo deitou ao meio do chão toda a papelada com uma impaciencia febril, debalde tentou, depois de os ter reunidos, separal-os um a um. Eu não apparecia; presa na minha esquininha, sem poder revelar por fórma alguma onde estava, assisti, espectadora muda mas não indifferente, áquella caçada fervida, em que tanto interesse tinham em se encontrar a caça como o caçador, mas que apesar d'isso ficava sem resultado. Vi os papeis, impellidos pela mão de Eduardo, revolutearem nos ares em torno de mim, senti a sua mão impaciente poisar em cima das minhas borlas, sem saber que estava a meia pollegada de distancia da extremidade dos seus dedos o objecto que tanto procurava. E elle bafejava-me com o halito e não tinha um presentimento que o advertisse, desviava com a mão trémula os papeis que me encobriam, e de nenhum d'elles saía uma voz mysteriosa que lhe dissesse: «Para conseguires esse thesoiro, que tu pagarias agora com dez annos da tua vida, basta-te abaixar a cabeça, e estender a mão».

«Finalmente Eduardo, pallido, com a fronte inundada de suor, deixou-se cair prostrado em cima de uma cadeira, e, dirigindo-se a sua mulher, bradou com voz sumida:

—«Creio que a perdi.

«Camilla não se pôde conter. As lagrimas, tanto tempo retidas, rebentaram finalmente, e inundaram-lhe as faces.

—«Era isso que eu esperava havia muito tempo, bradou ella com voz entrecortada. Eis a resposta com que não só pagam a minha dedicação, mas tambem com que pretendem illudir a minha boa fé. Anda! trabalha com amor, com alegria, despende n'essa pobre bolsinha thesoiros de affecto, sorri só ao pensares que essa obra das tuas mãos vae ser a constante companheira d'aquelle em quem tu só pensas, por quem tu só vives, cuja apparição te enche de prazer, cuja ausencia te faz ficar immensamente triste. Ai! quanto te illudes, pobre louca, esse teu mimo ha de ser desprezado, porque tu tens esse titulo malfadado de esposa, e o amor conjugal é uma coisa altamente ridicula. Acceitam com desdem o teu presente, e vão depressa offerecel-o á primeira namoradeira que prender, nas suas redes vulgares, a ave fugida do ninho da familia, ninho cuja prisão lhe é insupportavel. Devia ser esta a minha sorte. Ninguem se exime a ella.

—«Ih! Jesus! Ih! Jesus! — dizia o pobre Eduardo com as mãos na cabeça; mas, filha... eu sou um estouvado... a bolsa ha de estar por ahi... Da nefanda traição de que me accusas é que sou completamente incapaz.

—«Traição! — tornava Camilla procurando, sem o conseguir, conter o pranto; póde-me trahir á sua vontade que me é completamente indifferente. Engana-se se julga que eu dê o menor apreço á sua fidelidade.

—«Mas n'esse caso por quê?

—«Cale-se! Diga-me! zombaram bastante de mim? Riram-se das minhas criancices? Quantas caricias lhe valeu esse sacrificio tão pouco custoso?

—«Isto é demais! Juro-te...

—«Cale-se. Quanto mais jura mais mente. Tambem me jurou amor eterno, e...

«E a pobre senhora desatou a soluçar, e caíu sentada n'uma cadeira. Eduardo, com as lagrimas nos olhos, ajoelhou aos pés d'ella, e bradou com voz commovida:

—«Camilla, não chores, que me despedaças o coração. Sou um grande criminoso, mas não mereço castigo tão cruel. Bem sabes que o amor que te consagro é immenso, é exclusivo, e que, desde que te conheço, nunca mais ergui os olhos para outra mulher. Camilla...

«Mas esta levantou-se enxugando as lagrimas, e disse-lhe com um modo friamente desdenhoso:

—«Aproveite a inspiração para algum arrufo que tiver com a baroneza.

«E saíu da sala, deixando ficar o pobre Eduardo com um joelho no chão, as mãos erguidas, a boca aberta, espantado, aterrado, paralysado, petrificado, estupefacto!

«Finalmente levantou-se, dirigiu-se de novo á secretária, e procurou entre os papeis. Com o revolver caíram alguns, e eu caí d'envolta com elles; o acaso fez-me ainda ficar tão mirrada entre duas folhas, que, quando Eduardo veiu procurar ao chão, escapei com grande desespero meu ás suas pesquizas. Um tal accesso de desespero se apoderou do meu dono, que, pegando n'um grande mólho de papeis, no meio dos quaes ia eu, sem elle o saber, amachucou-o, e depois, enraivecido, atirou-o pela janella fóra. O vento desfez o mólho, e n'este instante ouvi dois gritos, um de Eduardo, outro de Camilla que estava n'uma outra janella por traz dos vidros.

«O vento forte, que soprava, tinha-me separado dos papeis, meus involuntarios carcereiros, e eu caía, magestosamente isolada, á vista dos dois conjuges, sobre as pedras da rua.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

---

## GIACOMO MEYER-BEER

I

Mais um vulto illustre desappareceu! O véo que hoje entristece a harpa inspirada do auctor de *Roberto* tambem cobriu ha pouco as urnas de Musset, de Vigny e de Ampére, tres vozes sublimes emmudecidas em curtos mezes! Obreiros do porvir, os engenhos privilegiados luctam, consomem as forças do corpo e do espirito na erecção do monumento que ha de immortalisar o seculo, e de repente, feridos, caem de alto com a ultima nota suspensa nos labios quando se chamam Beethoven ou Weber; com os derradeiros toques por acabar na tela se o seu nome é Horacio Vernet ou Eugenio Delacroix; com o extremo suspiro a gemer na lyra se a poesia foi o seu culto e a sua vocação.

Como o passado foge rapido, povoando-se de tumulos, e alargando atraz de nós a solidão! Como se raream depressa as fileiras da geração que nos rasgou todas as sendas, e que aprendemos a amar e a seguir desde Chateaubriand e Béranger até Balzac e Eugenio Sue! Os raptos lyricos de Millevoye, os arrebatamentos sombrios de Byron, a Melpomene apaixonada de Schiller, a universalidade de Humboldt, a serenidade de Gœthe, as pinturas historicas de Walter Scott, os quadros descriptivos de Cooper, a eloquencia, a historia, a philosophia, o painel e a estatua, todas as manifestações da arte, em fim, na sua variedade infinita, choram sobre o sepulchro dos mestres alguma perda irreparavel, mais ou menos recente.

É o destino, é a lei commum? Na batalha da vida, que principia no berço e entra pela eternidade, o dia e a hora importam pouco? De certo! O invisivel trava de nós, arrasta-nos, e por um combatente prostrado cem novos se precipitam. Á similhança do Saturno antigo, a civilisação, em cada passo, a cada victoria, devora os proprios filhos! Mas vendo apagado subi-

tamente o fulgor de uma fronte predestinada, vendo derrubados os chefes, uns após outros, a menos de meio caminho, quem não ha de estremecer de contemplar a grandeza fragil do semi-deus que um sôpro basta para sacudir do pedestal?

Doira-as logo o sol da posteridade a essas grandes sombras, cuja herança é a gloria? Leve comparação! Sabendo que a luz do genio ha de brilhar perenne, qual de nós, apesar d'isso, sentindo estalar o vaso e partir-se o involucro, não exclamará como o orador sagrado apontando para o cadaver: «Só Deus é grande?!»

Meyer-Beer pagou a divida que a terra não perdoa aos conquistadores da espada, nem aos conquistadores da idéa. A sua falta assombrou, quasi como um espanto, os que na vespera o tinham visto ainda limar os trechos primorosos da sua ultima opera, cor-



Giacomo Meyer-Beer

rigir desvelado as cópias, escolher os interpretes, e assegurar o exito pela pureza da execução. Negada por tanto tempo á publicidade ruidosa do theatro, a *Africana* ia, finalmente, enlevar os auditorios. As repugnancias estavam vencidas; o dia do triumpho adiantava-se por entre os cuidados dos ensaios. De repente, a fama murmura uma fatal nova. A admiração repelle-a na sua incredulidade, mas cede inconsolavel á evidencia. A dois terços da sua carreira, o auctor do *Propheta* ouvíra a mysteriosa voz que nunca chamou em vão, e o livro de oiro dos seus cantos encerra-se para sempre. O sceptro da scena lyrica escapa-lhe das mãos!

Quem o levantará? Por mais que olhemos, os successores dos mestres não se divisam. São muitos os talentos festejados, porém hombros que possam com o peso das reputações da epocha que finda, ninguem os descobre. Na poesia, na pintura, na estatuaria, na prosa elegante e espirituosa, no romance de costumes ou de paixão, na ironia fina da crítica e dos conceitos, Vigny, Musset, Vernet, Delacroix, Pradier, Nodier, Balzac, Soulié, Sue, Charles de Bernard, Gustave Plan-

che, e muitos outros, não deixaram herdeiros. A saudade do seu nome ainda espera pelos continuadores, que hão de vir de certo, porém que se demoram.

A existencia de Meyer-Beer, uma das mais largas e gloriosas que registam os annaes da arte, começada, póde dizer-se, logo ao alvorecer dos primeiros clarões da intelligencia, termina rodeada das pompas da celebridade na vespera de novas ovações. Os dotes da edade juvenil sorriram ás promessas da infancia. As melodias populares foram balbuciadas por elle ao sair do berço, com as primeiras palavras que os labios pueris costumam articular a medo no regaço materno. Pouco depois, o teclado de um cravo, seu joguete predilecto, absorvia-o horas inteiras. Parecido a Mozart, adivinhava a arte, e familiarisava-se com ella, antes de a conhecer de perto.

O que admirâmos mais no auctor dos *Huguenotes* não é tanto a efflorescencia precoce, como a certeza de si, como os progressos maravilhosos do estudo e perseverança. Os obstaculos servem-lhe de estimulo sem o deterem; os erros, de que as mediocridades se não levantam, advertem-n'o sem o humilhar. Os prodigios de estufa, que, forçados por excitação artificial, se desatam em folhas e flores prematuras, esgotam cedo a seiva, porque envelhecem antes de crescer, e nunca chegam á madureza dos fructos. Aonde o genio prova os verdadeiros quilates é na lucta com a adversidade, com a indifferença, e com as emulações e as invejas. Se de cada uma d'estas quédas inevitaveis elle se erguer mais forte e mais senhor de seus poderes, inclinemo-nos diante da realeza que surge. O seculo conta mais um astro.

II

Nascido em Berlin a 23 de setembro de 1791, data agora averiguada pela sua familia, Meyer-Beer contou dois irmãos distinctos, Guilherme, citado como astronomo notavel, e Miguel, fallecido na flor da edade, com a fama de bom poeta, sobre tudo depois da sua tragedia o *Paria*. Aos quatro annos Giacomo principiou a manifestar a vocação. O ouvido e a memoria reproduziam com rara perfeição os cantos religiosos e as melopéas populares. Lanska aproveitou no piano as primicias d'este admiravel talento, e em 1804, no dia 2 de janeiro, viu coroados os seus esforços no concerto onde o mancebo tocou em publico pela primeira vez. O auditorio e os jornaes aplaudiram a esplendida estreia; e o padre Vogler, então em Leipzig, não foi dos ultimos a animar os bons desejos e o rapido adiantamento do alumno. Para guiarem os instinctos de compositor que Meyer-Beer denunciava, os que dirigiam a sua educação confiaram-n'o aos conselhos de Bernardo Anselmo Weber, mestre da orchestra da Opera de Berlin, reputado um dos oraculos da arte, sobre tudo quanto á fórma e ao caracter da musica dramatica; porém, na realidade, menos instruido do que elle mesmo suppunha nas bases fundamentaes do contra-ponto. Uma anecdota referida por mr. Fétis pinta, melhor do que largas dissertações, o discipulo e o professor.

Giacomo compoz uma peça, e apresentou-a a Weber. Este, maravilhado, exaltou-a como um primor, e enviou-a a Vogler para que visse que tambem elle sabia ensinar. A resposta demorou-se, e quando chegou, mãos impacientes rasgaram a capa do volumoso maço. Mas, oh tristeza! em vez de elogios quasi exigidos pelo mestre de orchestra, os seus olhos e os de Meyer-Beer não encontraram senão um tratado prático sobre a *fuga*, todo do punho de Vogler, e dividido em tres partes. Weber, confundido, calou-se e baixou a vista. Giacomo, pelo contrario, estava radioso. Aquella crítica lucida e completa era para elle como um raio de luz. Tornava-lhe claro o que nas lições do musico prussiano sempre se lhe representára obscuro e incomprehensivel. Incançavel na applicação, dentro em pouco tinha escripto uma *fuga* em oito partes, moldada pelos preceitos de Vogler, e, enviando-lh'a, pedia-lhe que não lhe poupasse a censura esclarecida. D'esta vez o mestre ficou satisfeito. Devolvendo-lhe a obra sem emendas, dizia-lhe: «abre-se diante de vós um bello futuro. Vinde! Darmstadt chama-vos. Sereis meu filho e estudaremos juntos».

Não podêmos esboçar detidamente todos os periodos da carreira do grande mestre. Não emprehendemos a historia da sua vida, traçâmos apenas uma noticia, desenhâmos ao correr do lapis o retrato das feições mais proeminentes. Vimos que a musica desde a puericia foi para elle como a irmã gemea da sua alma. Não lhe custou fadiga, nem violencia o entendel-a. Soube-a mal a leu, e leu-a como se a houvesse aprendido. Aos doze annos era um dos bons pianistas de Berlin, e compunha lindos trechos apenas allumiado pelo imperfeito conhecimento das regras. Rossini, seu contemporaneo, tambem creava sem esforço, por entre os sorrisos da juventude, as primeiras operas. Ignorando ainda os segredos do contra-ponto, o professor de Pesaro não esgremia com as difficuldades da composição, transportando para o estilo italiano as symphonias e os quartetos de Haydn e de Mozart. Methodo prático e agradavel, porém facil em precipicios, se os que o tentam não são prendados do condão da fecundidade innata!

Meyer-Beer não peccava por vaidade. Abrazado na sêde da sciencia, que tantas vezes devora os que não podem sacial-a, conheceu o que lhe faltava para traduzir as suas inspirações ainda vagas e confusas. A boa vontade de Weber não era já sufficiente. Aspirava a um ensino menos superficial e mais elevado, e por isso o convite de Vogler, celebre em toda a Allemanha pelos discipulos insignes que tinha deitado, seduziu-o e arrebatou-o. Arrancando-se aos applausos, deixou dormir a reputação nascente, e foi assentar-se como alumno nos bancos da eschola de Darmstadt. Winter, Ritter e outros menos famosos, já haviam concluido o curso quando elle chegou; mas Carlos Maria Weber ainda o continuava. Mais velho alguns annos do que Giacomo, a differença da edade não os embaraçou de estreitarem os vinculos da solida e sincera amizade que sempre os uniu. Ambos subiram ás eminencias invejadas da arte, mas por diverso caminho, sem que o terno affecto, jurado n'esses dias de esperança e mocidade, se desmentisse uma só vez. Até á morte prematura do immortal auctor do *Freys chütz*, amaram-se, estimaram-se, e nenhuma sombra de ciume ou de rivalidade separou o creador da opera allemã do mestre fadado para dotar a França com o drama lyrico dos tempos modernos.

Vogler, cheio de benevolencia, recebeu com os braços abertos o néophito, instruindo-o em todas as delicadezas da arte. Ninguem insinuava, como elle, o amor do estudo no coração dos alumnos, nem possuia o dom rarissimo de ser ao mesmo tempo zelador inflexivel das regras, e cultor prudente dos instinctos e aspirações que sabía encaminhar e fortalecer sem as afogar á nascença entre os espinhos e theorias esterilisadoras. No fim de dois annos consecutivos de exercicios, o mestre fechou a eschola, e convidou os discipulos a acompanharem-n'o na sua visita ás principaes cidades de Allemanha. Meyer-Beer ficou em Darmstadt. Contava dezesete annos, e uma oratoria intitulada *Deus e a Natureza*, escripta a rogos do principe, grangeou-lhe o honroso diploma de compositor da corte. A opera em tres actos intitulada a *Filha de Jephte*, tentada mezes depois, apesar de varios trechos aplaudidos, não se sustentou em scena. Em ambas as peças que o gosto e o assumpto mais

approximavam do poema sacro que do estilo dramatico, nenhum indicio despontava ainda que revelasse o germen das idéas que depois caracterisaram a individualidade da sua physionomia. Duas revoluções profundas eram necessarias para o genio de Giacomo descobrir e cinzelar a fórma em que havia de consubstanciar-se definitivamente.

Em 1813, aos dezenove annos, partiu para Vienna. Vinha reger os ensaios da opera *Abimelek, ou os Tres Califas*. Entre os pianistas notaveis que a esse tempo residiam na corte imperial, Hummel era o mais festejado, e Meyer-Beer, que nunca o ouvíra, pôde satisfazer a curiosidade na mesma noite da sua chegada. A firmeza, o brio, o gosto e a elegancia de Hummel deslumbraram-n'o. O grande pianista não conhecia émulo nem egual. Percebendo que nem de longe conseguiria imitar este modelo admiravel, o moço compositor resolve encerrar-se, e não apparecer em publico em quanto não devesse ao estudo qualidades identicas. Seis mezes trabalhou, repetindo os exercicios mais accommodados ao seu fim, até que a perfeita ligação harmonica dos sons, e a obediencia do teclado a todos os prodigios da execução, o advertiram de que a victoria estava alcançada. Só depois d'este esforço, que abona a austeridade da sua consciencia como artista, é que se animou a concorrer aos concertos, pasmando a todos. Moscheles, que o escutou, dizia frequentes vezes, recordando-se d'aquelles dias, que Meyer-Beer, se quizesse, seria talvez o primeiro pianista da Europa.

A opera *Abimelek* caiu. O publico de Vienna, exclusivo nas predilecções pela eschola italiana, repudiou a musica escripta com toda a fidelidade das tradições germanicas. Um revez logo no começo da carreira produz resultados oppostos segundo as pessoas. Desalenta e emmudece a miudo as falsas ou as incertas vocações; mas tambem retempera e purifica as verdadeiras, estimulando-as. Giacomo não desmaiou.

Salieri, que o prezava, deu-lhe o bom conselho de passar á Italia, aonde cantores admirados, interpretando musica suave e luminosa, depressa o corrigiriam do feliz defeito, causa do seu desastre. Convenceu-se e partiu.

Veneza foi a primeira terra aonde as melodias rossinianas principiaram a captivar-lhe o ouvido. Salieri, propondo-lhe a viagem á patria de Paësiello e de Cimarosa, não ignorava que ella equivalia quasi a uma expatriação completa para o alumno fervoroso da musa allemã. Contava com o effeito salutar das primeiras seducções, e lisonjeava-se de que Meyer-Beer saíria curado e triumphante d'este banho de luz e harmonia. Não se enganou.

A representação do *Tancredo* de Rossini, a que assistiu, venceu todas as repugnancias de Giacomo ácerca da eschola italiana. A brilhante estreia do genio que havia de crear tantos primores, desde a *Semiramis* e o *Barbeiro* até ao *Guilherme Tell*, a ultima e a mais sublime de suas manifestações, enlevou o discipulo, até ahi impenitente, do severo Vogler. Confessando as culpas da educação musical quasi como um sacrilegio, e tocado do feitiço irresistivel d'aquelles cantos faceis e maviosos, Meyer-Beer concebeu a immensa vantagem da inspiração ultramontana, sobre tudo na musica dramatica, a menos inclinada de todas a sujeitar as suas fórmas aos moldes rigorosos da sciencia. Ligado pouco depois com Rossini, mais velho do que elle poucos annos, e todo alegria, amenidade e expansão, o compositor germanico tornou-se o adepto mais sincero da eschola que tinha ouvido condemnar sem remissão, e que elle mesmo tantas vezes condemnára como echo docil e complacente. Mas avisado pela experiencia, ou mais exacto, pela dor da quéda recente, não se apressou em encetar a nova estrada. Quiz conhecel-a antes. Para a trilhar tinha muito que esquecer. A arte de exprimir a melodia em phrases singelas e naturaes, e de apròpriar o canto ás vozes, ainda era para elle quasi um enigma, e carecia de o decifrar com clareza para não se expor a desastres mais funestos que o primeiro.

(Continua) L. A. Rebello da Silva.

---

## A SCIENCIA NA EDADE MÉDIA

### E AS ENCYCLOPEDIAS D'ESSE TEMPO

I

Quem se habituou a considerar a edade média como um largo e obscuro parenthesis na historia da civilisação occidental, pensa geralmente que durante este periodo de innegavel entorpecimento intellectual, se eclipsaram totalmente as luzes com que a antiguidade classica havia alumiado o mundo, e se esqueceram as ousadas tentativas com que os philosophos antigos haviam interrogado a natureza physica nos seus mais reconditos mysterios.

Suppõe-se, geralmente, que apenas esta sciencia esteril, a que se deu o nome de escholastica, pôde romper com seus raios as trevas espessas que envolviam o occidente, e que a velha doutrina de Aristoteles, remoçada e corrompida pela paraphrase dos arabes, serviu de alimento exclusivo aos espiritos, sempre desejosos de alargar os horisontes do saber.

Crê-se geralmente que, enfeudado no clero, principalmente no regular, o privilegio do estudo e da meditação, fôra a theologia especulativa o objecto exclusivo dos mais vigorosos talentos d'aquella edade, e que o universo material fôra sempre desdenhado como indigno de exercitar entendimentos christãos, absorvidos perpetuamente na contemplação e na sciencia das coisas divinas.

É, todavia, certo que nunca, apesar da barbarie dos seculos médios, se rompeu a tradição que, desde a mais remota antiguidade, havia continuado pelos herdeiros successivos das differentes civilisações ácerca da sciencia puramente humana e experimental.

Foi a theologia a sciencia preeminente na meia edade. Foi o saber apanagio da egreja, como fonte essencial de toda a luz que allumiava a Europa n'aquelles tempos de bellicosa actividade. Quando o senhor e o guerreiro, que eram os representantes da força bruta, cifravam toda a sua educação no destro meneiar de suas armas e no gentil cavalgar de seus corseis, a egreja, que era a força espiritual, recolhia no seu asylo sagrado a sciencia desprezada no mundo profano, e tomava-a a seu soldo, como auxiliar das luctas theologicas com que mantinha a fé e a auctoridade do seu gladio espiritual.

Eram institutos meramente ecclesiasticos as universidades, onde se industriavam para as altas dignidades da egreja os que preferiam a paz dos claustros ou o recesso das cathedraes á bizarria dos torneios e á vida ruidosa dos castellos senhoriaes. Era então sabio synonymo de clerigo. E bem se deixa adivinhar que, onde a egreja era o só repositorio da sciencia, deveria ter o primado intellectual a theologia.

Na successão, porém, dos espiritos eminentes, que deixaram seu rasto de luz na historia da edade média, apparecem homens que, saindo para fóra do seu seculo, anticipando as grandes conquistas da moderna sciencia experimental, buscaram investigar os segredos da natureza, e diffundir, quanto cabia nos recursos e na publicidade d'aquelle tempo, as idéas que se lhes afiguravam mais correctas ácerca do universo, dos seus phenomenos e das suas leis.

A sciencia não estava, como hoje, repartida em ramos numerosos, cada um dos quaes é bastante para

absorver a actividade intellectual dos mais illustres pensadores. O grande theologo era ao mesmo tempo um profundo conhecedor de toda a philosophia do seu tempo, e reunia á sua erudição sagrada e philosophica a sciencia das humanidades, ou das letras gregas e latinas, as mathematicas e as sciencias naturaes. O caracter da sciencia n'aquella edade era o de ser encyclopedico, o de abranger o ceo e a terra, e o de descer desde a contemplação de Deus até ao estudo dos phenomenos naturaes.

Conhecem-se muitas obras, onde, á maneira das encyclopedias de hoje, ainda que em muito mais resumidas proporções, apparece epilogada toda a sciencia d'aquelles tempos.

Entre os homens mais famigerados pela sua incontestavel influencia nos progressos do espirito humano, figuram durante a meia edade João Diuns Scotto, Santo Alberto o Magno, Rogerio Bacon, S. Thomaz de Aquino, Guilherme d'Okkam, Raymundo Lullo, Abeylard, Vicente de Beauvais, Pedro d'Ailly e Nicolau de Cusa, ambos decorados com a purpura romana. A par d'estes nomes benemeritos da sciencia durante a edade média, apparece, como um dos mais illustres representantes da illustração, o florentino Brunetto Latini, que reuniu á fama propria a de ter sido o mestre do maior poeta d'aquelles tempos, o severo cantor do *Inferno* e do *Purgatorio*, o mystico pintor do *Paraiso*.

Alguns dos eminentes escriptores que nomeámos, deixaram compendiada a sciencia do seu tempo em livros que resumiam a encyclopedia inteira, nos limites e dimensões em que o escasso adiantamento das idéas e das observações o podia consentir.

Pedro Abeylard, cujo nome se tornou famigerado no martyrologio do amor, e cuja imagem poetica a tradição perpetuou, circundando-a de todos os enthusiasmos da sensibilidade exaltada, é um dos vultos proeminentes na ordem intellectual da edade média. O seu espirito subtil, o seu animo inquieto, a sua alma sequiosa de audazes innovações, não lhe deixaram contemplar tranquillamente a austera magestade da natureza. Entendimento precursor de Descartes e da eschola dos livres pensadores, os seus vôos rasgou-os Abeylard nas sombrias regiões da escholastica. A sua existencia consumida entre as exaltações da sensibilidade romanesca e as ardentes excitações da polemica theologica, não lhe deixaram ocios para investigar, na tranquilla serenidade do pensamento, os phenomenos da natureza e as leis admiraveis do mundo material. Abeylard, cujos paradoxos philosophicos transparecem entre o labyrintho nebuloso da dialectica da eschola, não deixou na historia das sciencias um rasto de luz, como alguns dos pensadores que se lhe seguiram no magisterio da meia edade.

Alberto Magno, a quem a egreja conferiu as honras da canonisação, é um nome tambem illustre fóra dos altares christãos aonde o reverenciámos como santo. É talvez o primeiro naturalista, o primeiro philosopho natural, que abre nas trevas apparentes dos seculos médios, a estrada gloriosa das investigações e dos trabalhos scientificos. A alchimia contava-o, como a todos os grandes e mediocres paladinos da sciencia, nas suas fileiras, entre os mais insignes pesquizadores da pedra philosophal.

A pedra philosophal foi uma d'estas grandes e sublimes chimeras de que o espirito humano tem sempre necessidade, como de um incitamento com que arrojar-se ás mais altas emprezas do trabalho intellectual.

O maravilhoso, o sobrenatural, o que as turbas alcunharem de impossivel, ha de ser sempre um assumpto predilecto para os engenhos superiores. Estes erros, que provém da exaggeração das forças do homem e do conceito eminente que elle fórma das suas proprias faculdades, foi, e ha de ser para sempre, a origem fecunda das mais felizes lucubrações e dos mais portentosos descobrimentos na ordem physica e na esphera do mundo moral.

As aspirações, sempre illudidas e sempre recrescentes da eschola hermetica, a utopia scientifica da transmutação dos metaes, fundou a chimica, e deu por germen á mais util sciencia dos nossos dias um sonho da ambição, na apparencia esteril, arrogante e pueril.

O erro de Colombo ácerca das terras orientaes teve por corollario o maior descobrimento dos povos europeus, o de um continente desconhecido até então, cujas riquezas naturaes deveriam modificar profundamente a condição economica e social dos povos descobridores.

A suspirada realisação da cidade de Deus na terra, esta generosa concepção de uma republica verdadeiramente evangelica, onde as desegualdades se nivelassem ao sopro das doutrinas christãs, onde se realisasse litteralmente a prophecia de que os poderosos seriam abatidos e exaltados os humildes, este sonho prophetico de uma nova edade aurea, rejuvenescendo a humanidade e assegurando-lhe a serena bemaventurança, como um antegosto das celestiaes e eternas consolações, esta communidade, regida pelo amor, pela fraternidade, pelos vinculos estreitos das mais affectuosas paixões do coração, esta doutrina paradoxal professada pelos Savonarolas e pelos Franciscos de Assiz, emprehendida praticamente por muitas seitas hereticas dos primeiros tempos da egreja, e proseguida por muitas communhões heterodoxas na meia edade, pelos Begardes e Fratricellos, abriu os horisontes de uma philosophia social mais larga e mais consoladora, e imprimiu á politica moderna o vôo com que ella se desprendeu das fórmas egoistas e mesquinhas das antigas sociedades.

A alchimia, que era um erro, era todavia um d'estes erros que são a interpretação exaggerada das coisas naturaes, e a adivinhação temeraria dos theoremas praticos da sciencia positiva. Seguindo a trilha de uma idéa exclusiva, que os dominava com a energia imperativa de uma crença, os alchimistas fundaram o methodo experimental, e, vagueando muitas vezes ao acaso, em demanda do seu termo suspirado, iam deixando no seu caminho descobrimentos reaes e fecundissimos, que os absolveram plenamente do seu erro fundamental.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

---

## APPELLIDO DE MESQUITA

Entre os cavalleiros que acompanharam a el-rei D. Affonso v, quando este soberano foi á conquista de Arzilla, iam cinco irmãos, de appellido Pimenteis, naturaes de Villa Real.

Como é sabido, a cidade foi entrada apesar de uma defesa tenaz e corajosa. Porém não desanimaram os moiros com ver o inimigo dentro da praça. Acolheram-se a uma mesquita, e, fazendo d'ella fortaleza, oppunham aos nossos resistencia desesperada. Então os cinco irmãos, tirando os cintos, e atando-os uns aos outros, lançaram-n'os a uma ameia, e subiram por elles, executando tudo isto com summa rapidez. O seu exemplo foi logo seguido por outros, e a mesquita foi tomada. Em galardão deu-lhes el-rei por armas em campo de oiro cinco cintos vermelhos com fivelas de prata, e tanchões, e uma bordadura azul com sete flores de liz; e por timbre meio corpo de um moiro, com uma azagaia na mão, e uma bandeira de prata. E para perpetuar a memoria do feito, quiz que tomassem o appellido de *Mesquita*.

I. de Vilhena Barbosa.